



# *Poesia trovadoresca*

---

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

# *Poesia trovadoresca*

uma recolha bibliográfica



Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

## Ficha técnica

**Seleção local:** Madalena Toscano e Paulo Melo

**Seleção web:** Isabel Bernardo

**Desenho gráfico:** Isabel Bernardo

**Paginação:** Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

**Edição:** Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2018

Poesia Trovadoresca. Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



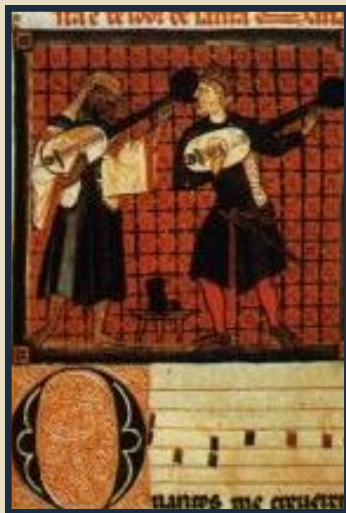
Clique na imagem para aceder ao link

## Os textos

A presente base de dados disponibiliza, aos investigadores e ao público em geral, a totalidade das cantigas medievais presentes nos cancioneiros galego-portugueses, as respetivas imagens dos manuscritos e ainda a música (quer a medieval, quer as versões ou composições originais contemporâneas que tomam como ponto de partida os textos das cantigas medievais). A base inclui ainda informação sucinta sobre todos os autores nela incluídos, sobre as personagens e lugares referidos nas cantigas, bem como a “Arte de Trovar”, o pequeno tratado de poética trovadoresca que abre o Cancioneiro da Biblioteca Nacional.

O texto editado das cantigas dá ainda acesso a um conjunto de informações destinadas a facilitar quer a sua leitura, quer o seu enquadramento histórico (glossário, notas explicativas de versos, toponímia, antroponímia, notas gerais). E fornece igualmente informação de base sobre alguns dos seus aspetos formais. Em cada cantiga, o texto editado pode ainda ser confrontado com o texto manuscrito que transcreve, disponibilizando a base igualmente um conjunto de notas justificativas das leituras proposta (notas de leitura).

Lopes, G. V. et al. (2011). *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>



Clique na imagem para aceder ao link

Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo!  
E ai Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado!  
E ai Deus, se verrá cedo!

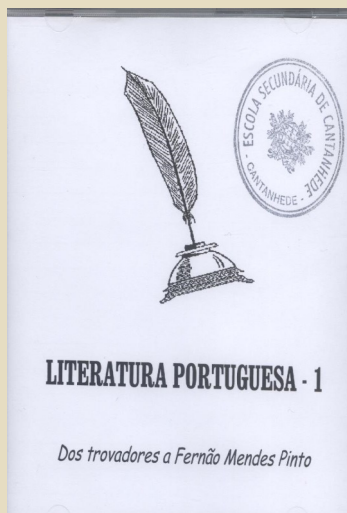
Se vistes meu amigo,  
o por que eu sospiro!  
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,  
por que hei gran cuidado!  
E ai Deus, se verrá cedo!

Martin Codax, CV 884, CBN 1227

*Os textos*

Projeto Vercial (s/d). *Poesia trovadoresca*. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/trovador.htm>



**Cota: 610 LIT**

Neste CD, o utilizador tem ao seu dispor um vasto conjunto de textos de poesia trovadoresca. Destacamos algumas dessas cantigas.

Poys nossas madres van a San Simon

Digades, filha, mha filha velida

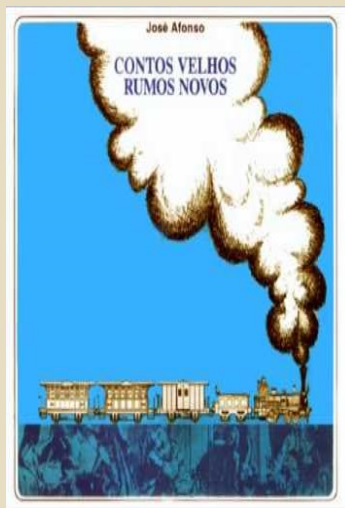
Ah quisesse Deus

Quer' eu en maneira de proença

Cantiga partindo-se [Senhora, partem tão tristes]

*Os textos*

BE (2005). *Literatura Portuguesa 1— Dos Trovadores a Fernão Mendes pinto* [CD].  
Cantanhede: BE [montagem feita pela BE]



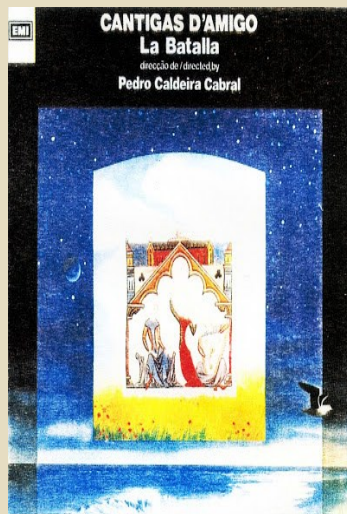
Cota: 8 AFO

## *Os textos*

Bailemos nós já todas três, ai amigas,  
so aquestas avelaneiras frolidas  
e quem for velida, como nós, velidas,  
se amig' amar,  
so aquestas avelaneiras frolidas  
verá bailar.

Bailemos nós já todas tres, ai imañas,  
so aqueste ramo d' estas avelañas  
e quem for louçana, como nós, louçanas  
se amig' amar,  
so aqueste ramo d' estas avelanas

Afonso, José (1987). Bailia in *Contos velhos rumos novos* [CD]. Lisboa: Moveiplay.



Cota: 3 BAT

Ai eu, coitada, como vivo em gram cuidado

Por meu amigo que ei alongado!

Muito me tarda

O meu amigo na Guarda!

Ai eu, coitada, como vivo em gram desejo

Por meu amigo que tarda e nom vejo!

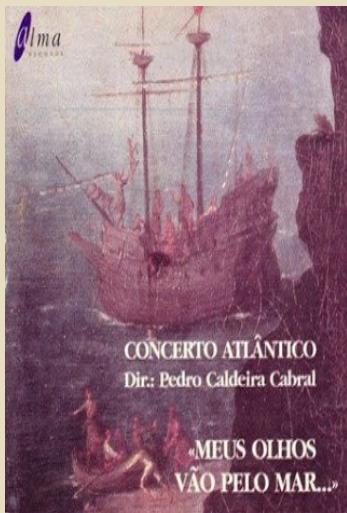
Muito me tarda

O meu amigo na Guarda!

*Os textos*

La Batalha(1991). Ay eu coitada in *Cantigas d' amigo* [CD]. França: Emi Valentim de Carvalho.





Cota: 3 CON

### *Meis ollos van per lo mare*

Lo mismo iremos cantando  
por essa mar adelante  
a las serenas rogando  
quen la mar sempre se cante.

## *Os textos*

Concerto Atlântico (1993). Meis olhos van per lo mare in *Meus olhos vão pelo mar...*  
[CD]. *Suiça*: Luminária-Música.



Cota: 8 FRE

Nocte in aula iaculator

Divina est sua saltatio

Luna fulgere fortior

Odor festi est!...

Risus lenis glutinatus

Poetæ animam vocat

Lætitia quæ superfundit

Fabula quæ non peccat!

Theatre of voices, Cantigas from the court of Dom Dinis (Non quer'eu donzela fea)

La Batallaq, Cantigas d' amigo (Ay eu coitada)

*Os textos*

Frei Fado d'El Rei (1995). Dança dos jograis in *Danças no tempo* [CD]. Portugal: Sony Música.



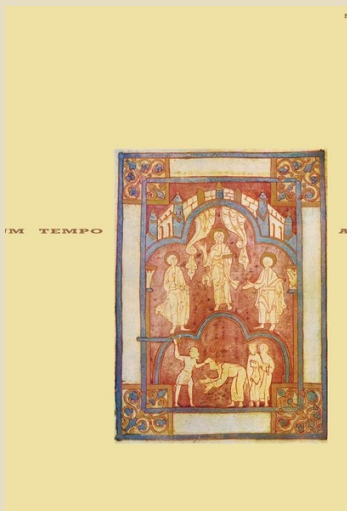
Cota: 610 SAN

Nem um poema, nem um verso, nem um canto,  
Tudo raso de ausência, tudo liso de espanto  
Amiga, noiva, mãe, irmã, amante,  
Meu amigo está longe  
E a distância é tão grande.

Nem um som, nem um grito, nem um ai  
Tudo calado, todos sem mãe nem pai  
Amiga noiva mãe irmã amante,  
Meu amigo está longe  
E a tristeza é tão grande.

## *Os textos*

Ary dos Santos (2004). *Meu amigo está longe in Palavras ditas, Fados cantados* [CD].  
Lisboa: Guilda Música.



Cota: 8 SET

## *Os textos*

Senhora quem chamais  
Quando passo ao vosso lado?  
Senhora quem olhais  
Pondo os olhos no passado?

Senhora é bom esquecer  
Esse triste amor ardente,  
Pois não sabeis viver  
Ao sabor do amor ausente...

Eis as rosas que lhe vou dar  
Há mil rosas p'ra eu lhe dar...

Sétima Legião (1989). Senhora das rosas in *De um tempo ausente* [CD]. França: EMI  
Valentim de Carvalho.



Cota: 3 THE

Non quer'eu donzela fea  
nen me faça i peior.

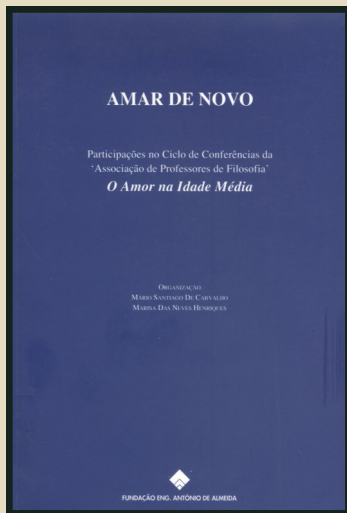
Non quer'eu donzela fea  
e negra come carvon[e],  
que ant'a mia porta pea  
nen faça come sison[e].  
Non quer'eu donzela fea  
que ant'a mia porta pea.

Non quer'eu donzela fea  
e velosa come can[e],  
que ant'a mia porta pea  
nen faça come alemã[e].  
Non quer'eu donzela fea

## *Os textos*

Theatre of Voices(1995). Non quer'eu donzela fea in *Cantigas from the court of Dom Dinis* [CD]. França: Blue Note.

que ant'a mia porta pea.

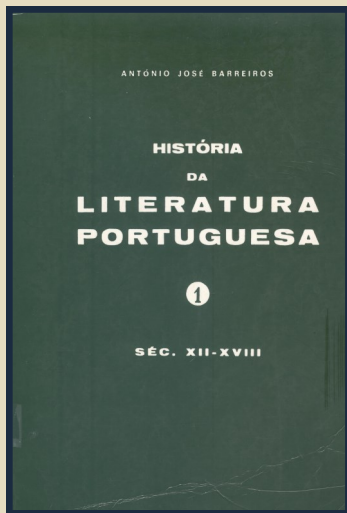


Cota: 80 AMA

*Sobre os textos*

As diferentes gerações de trovadores que se lhes seguiram poetaram nos três grandes géneros: as Cantigas de amor (em que o sujeito de enunciação é masculino e em que se assume o ponto de vista masculino); as Cantigas de amigo (em que o sujeito de enunciação é agora feminino e o ponto de vista é – supostamente – feminino); e as Cantigas satíricas (de escárnio e de maldizer) – aquelas em que se diz mal de alguém de uma forma mais ou menos velada, utilizando determinados recursos estilísticos, como o equívoco, ou utilizando um nível de língua baixo, incluindo vocabulário obsceno (e daí maldizer). A partir de qualquer um deles podemos obter informações acerca do que seria «o amor das cantigas», mas entre estes três géneros ocupar-nos-emos sobretudo do primeiro, em que a determinação de sentido envolve, pelo menos aparentemente, menor complexidade teórica, apesar de ter produzido, ao longo dos tempos, aceso debate em torno da origem, precisamente, do seu conceito de amor (...), mas que os provençais haviam preferido designar como *fin'amor* ou *verai amor*. (pp. 109-110)

Carvalho, M. S. (2005). *Amar de novo* (10.ª ed.). Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.



Cota: 80(09) BAR

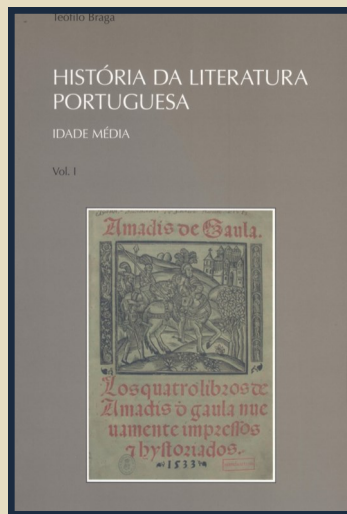
*Sobre os textos*

Primitivamente a poesia andava sempre associada ao canto. O poeta inventava a letra e a música e cantava o poema diante de ouvintes. Às vezes, porém, o autor da letra pouco ou nenhum jeito tinha para cantar e então encarregava disso um habilidoso. Por tal motivo é que cantores, instrumentalistas e bailarinos completavam frequentemente o conjunto.

Consoante as atribuições de cada um, estes artistas recebiam os diversos nomes que vamos indicar.

1. Trovador era o poeta, quase fidalgo, que compunha a letra e a música das canções amorosas e satíricas.
2. Jogral era um cantor e tangedor ambulante que ia de corte em corte e de castelo em castelo, executando canções, quase sempre alheias.
3. Segrel era um trovador de baixa estirpe, que ia de terra em terra, acompanhado do seu jogral. Viajava a cavalo. É exclusivo da literatura galaico-portuguesa.
4. Menestrel era o mesmo que jogral. No século XIII, começou a designar um músico-poeta.
5. Soldadeira era a mulher, quase sempre de moral duvidosa, que, servida de uma criada, acompanhava... (p.

Barreiros, A. J. (1992). *História da literatura portuguesa* (15.<sup>a</sup> ed., Vol. 1). Braga: Bezerra Editora.



**Cota: 80(09) BRA**

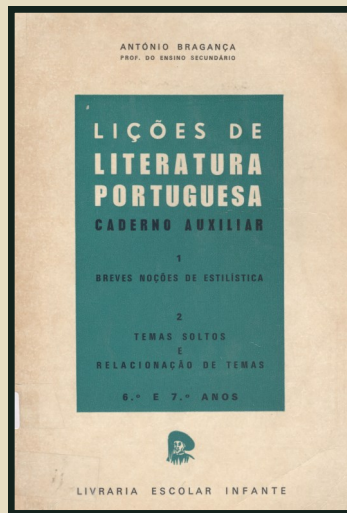
Como é pois que o lirismo trovadoresco português se propagou inicialmente a todas as cortes peninsulares, como o afirmou na sua célebre Carta o marquês de Santillana? Este facto, que só moderadamente se explica, dá uma feição excepcional e única à escola trovadoresca portuguesa. Ela esbateu-se fora de toda a influência directa ou imediata dos trovadores occitânicos. Os modernos estudos sobre a literatura portuguesa levaram à conclusão de que se não descobrira prova manifesta de qualquer trovador, mesmo dos que frequentaram as cortes de Leão, Aragão, e Castela, visitarem a corte de Portugal. Determinada a época em que floresceu a poesia trovadoresca do Meio-Dia da França, o lirismo português foi sincrónico, desenvolvendo-se sobre os elementos tradicionais populares, quando a vida nova da nacionalidade, que se afirmava autónoma, se expandia por essa energia orgânica e profunda. (pp. 159-160)

Braga, Teófilo. (2005). *História da literatura portuguesa - Idade Média* (3.<sup>a</sup> ed., Vol. 1).

Lisboa: INCM.

*Sobre os textos*



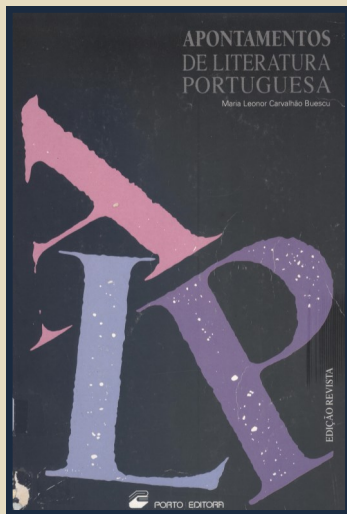


**Cota: 80 BRA**

*Sobre os textos*

Cantigas de amigo são composições líricas em que a mulher exprime o amor ao seu amigo que está em guerra ou fessado, servindo-se da Natureza como confidente, ou, às vezes, duma amiga, duma irmã ou da própria mãe. Eram escritas pelo homem. Possuem enorme variedade formal e psicológica. Cantigas de Amor são composições poéticas em que o homem exprime o seu amor à mulher que ama. São de origem provençal e mais pobres que as de amigo em variedade temática. Nela encontramos sempre o poeta em autêntico êxtase petrarquista perante a figura da bem - amada, deixando extravasar do seu coração o fatalismo do amor que lhe causa sofrimento permanente; a vassalagem amorosa, humilde e paciente; um certo prazer na humilhação e no desprezo que o leva a desejar a morte – o morrer de amor; e, finalmente, o tema da saudade provocada pela separação. Cantigas de escárnio são aquelas em que o poeta diz mal, mas procurando fazê-lo com palavras de duplo sentido; nas cantigas de maldizer o poeta diz

Bragança, António. (1971). *Caderno auxiliar das lições de literatura portuguesa*. Porto: Livraria Escolar Infante.



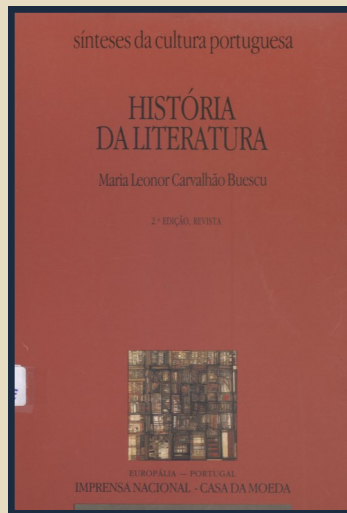
Cota: 80 BUE

O facto de o trovador ser o autor de composições em que é a mulher que exprime o seu sentimento, conferem-lhe um carácter de notável elaboração: é por meio de uma ficção literária que o poeta transfere a sua própria experiência para um universo que efetivamente lhe é estranho. Contrariamente ao que é costume afirmar-se, a cantiga de amigo não é, pois, espontânea (no sentido corrente do termo); é, antes, como diz Rodrigues Lapa, “um produto refletido da arte”.

Ao contrário, pois, do que sucede com a cantiga de amor, a que palacianismo e a cortesia deram perfeição e riqueza formal mas a que, porventura, roubaram espontaneidade e variedade, a cantiga de amigo é um longo e largo políptico real e contraditório, simultaneamente imagem da vida medieval (romarias, lavadouros nos rios, fontes, capelinhas montanhesas) e, sobretudo, da vida psicológica, em que há uma transferência sentimental: o trovador supõe o que pensa e sente, o que se

Buescu, M. L. C. (1993). *Apontamentos de literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*

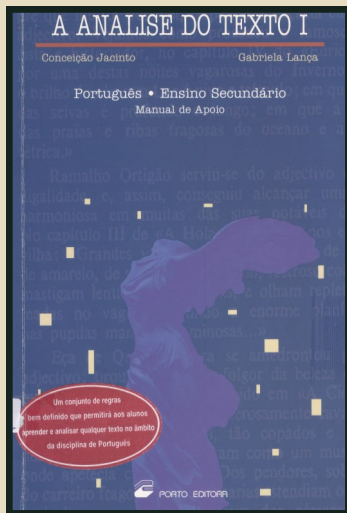


**Cota: 80 BUE**

Pastorelas, serranas, barcarolas, cantigas do amanhecer (albas) são algumas das variedades que podem revestir as cantigas mencionadas. Contudo, mais dois géneros (reconhecidos e identificados como tal na Arte de Trovar consubstanciam uma “certa” visão ou uma “certa” reflexão sobre o Mundo: “cantigas de escarneio” e “cantigas de maldizer”. A ironia e o equívoco são as figuras de retórica que as suportam e veiculam não já a problemática privada, individual da aventura amorosa e erótica, mas uma vivência coletiva que regista uma visão desencantada do mundo, como universo da inversão dos valores, da contradição e do conflito. Trata-se, em alguns casos, do que poemas considerar a «arqueologia conceptual» de *tópoi* que vão desenvolver-se e, infinitamente metamorfoseados, permanecer no centro da... (p.

Buescu, M. L. C. (1994). *História da literatura* (2.ª ed.). Lisboa: I. N. C. M.

*Sobre os textos*



Cota: 80 JAC

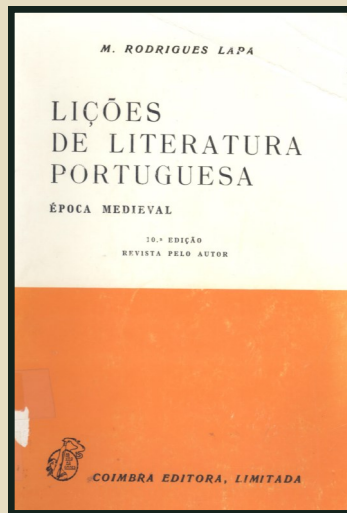
*Sobre os textos*

## Cantigas de amigo

Fala a donzela, exprimindo os seus sentimentos pelo amado.(...).

Caracteriza estas cantigas um certo primitivismo formal. Ao nível do vocabulário utilizado, verificamos que este é pouco diversificado. A estruturação do poema apresenta uma construção anafórica, em que a ideia aparece repetida, através de construções frásicas idênticas e de vocábulos sinónimos. As estrofes são, normalmente, constituídas por dois versos e o dístico (conjunto de dois versos) é seguido de refrão. Algumas cantigas apresentam uma estrutura paralelística, ou seja, o par de dísticos tem o mesmo significado e difere apenas nas palavras ou na palavra da rima; o último verso de cada estrofe é o primeiro verso da estrofe que é constituído pelo par seguinte. A unidade não é, assim, o dístico, mas o par de dísticos. O refrão prova que

Jacinto, Conceição, & Lança, Gabriela. (1999). *A análise do texto I*. Porto: Porto Editora.



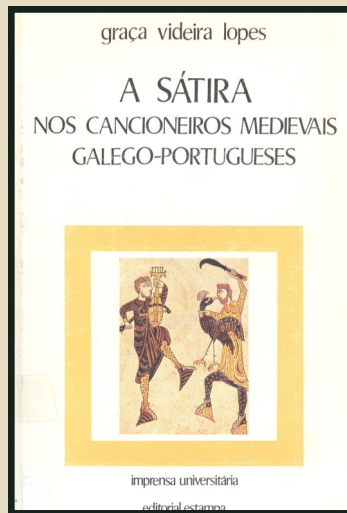
Cota: 80 LAP

## *Sobre os textos*

A teoria do amor cortês”- todo o lirismo provençal está repassado daquela complicadas concepção do amor, a que aludimos já. Dum sentimento espontâneo, o escolasticismo trovadoresco e o espírito cavaleiresco constituíram um doutrinal rigoroso e metódico.

Foi Eduardo Wechssler quem mais minúcia investigou as relações existentes entre a teoria do amor e o sistema da hierarquia feudal. O trovador – já o dissemos – serve a sua dona como o vassalo serve o suserano, com diligência e fidelidade. E assim que certas expressões e atitudes, próprias do feudalismo, se insinuaram na poesia cortês. Entre nós é sobretudo insistente esta: fazer ou talhar preito e menagem. consiste isto na promessa de fidelidade e submissão do trovador à senhora. Talhar preito tem depois uma significação mais restrita: a promessa feita pelo namorado de ir tal dia a uma entrevista. Corrente nas cantigas d’amigo, a expressão perdeu o carácter cavaleiresco, aburguesou-se. (pp. 149-150)

Lapa, M. R. (1981). *Lições de literatura portuguesa* (10.<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Coimbra Editora.



**Cota: 80 LOP**

As cantigas de escárnio e maldizer, já o dissemos, são feitas, na sua esmagadora maioria, contra alvos muito concretos. Um dos mais interessantes recursos utilizados pelos trovadores e jograis galego-portugueses nestas cantigas satíricas são, exactamente, as variações na forma de dirigir a sátira ao visado. Nem sempre, de facto, os trovadores seguem o mais evidente processo da crítica directa, pela exposição da sua própria opinião ou pelo relato directo de uma cena presenciada ou ouvida – processo que, como Tavani estudou, se desenvolve geralmente sob a figura da apóstrofe à personagem escarnecida ou a um outro interlocutor, ambos podendo processar-se de uma forma mais ou menos directa. Ainda que este processo seja o mais comum, as variações nesse modelo tradicional são frequentes e contribuem, sem dúvida, para a vivacidade da arte satírica dos

Lopes, G. V. (1994). *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa.

*Sobre os textos*



Cota: 80 MAR

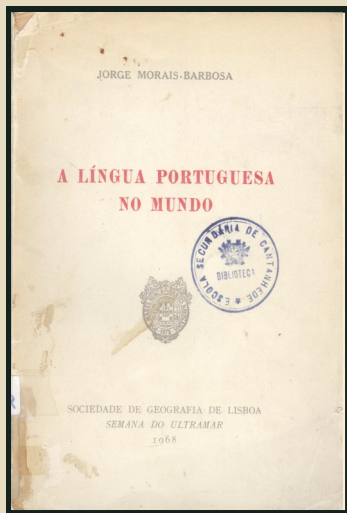
*Sobre os textos*

Os poetas dos cancioneiros desavinhavam-se entre si, em pequenas escaramuças verbais, donde a sinceridade às vezes batia as asas. Transformavam-se, então, em mero ludismo, aliás útil para os divertir a si e ao público. Havia ataques de costumes menos limpos, debatiam-se questões de estética, verificavam-se choques de ordem social e diziam-se graças. E já não falamos de questões meramente pessoais. (...)

Atacavam-se entre si, por vezes em razão do seu ofício, em geral a brincar. Jogral era menos do que trovador. Joan Garcia de Guilhade dirige-se ao jogral Lourenço e repreende-o: Gostas muito de tocar cítola. Agora pretendes cantar e julgas que já és trovador. Não sei qual «d'estes mesteres» fazes pior!

O jogral responde que o parceiro quer desfazer nele. Diga o que disser, falta-lhe competência para julgar. – Não te zangues! Acode Joan Garcia, nem digas... (pp. 42-43)

Martins, M. (1977). *A sátira na literatura Medieval portuguesa: séculos XIII e XIV*. Lisboa: Instituto Português de Língua e Cultura Portuguesa.



Cota: 80 Mor

*Sobre os textos*

Naturalmente, é muito pouco o que podemos saber sobre a sociologia linguística na Idade Média portuguesa. Parece todavia elícito admitir que, pelo menos até ao reinado de D. Dinis, tenha sido de reduzida importância a diferenciação não já geográfica, mas sim social, da língua portuguesa. Não era, como se sabe, notável a ilustração de nossos primeiros reis e dos seus companheiros de armas, empenhados na tarefa de, em luta contra os muçulmanos, alargarem Portugal e definir-lhe fronteiras, e por isso as suas formas idiomáticas não devem ter podido afastar-se, como mais requintadas, da linguagem do povo.

Disso mesmo se encontra testemunho, embora indirecto e remoto, no facto de não oferecerem diferenças linguísticas dignas de nota as composições poéticas dos nobres trovadores em confronto com as dos plebeus jograis. E se a linguagem poética sempre apresenta

Morais-Barbosa, José. (1968). *A língua portuguesa no mundo*. Lisboa: Sociedade de Geografia - Semana do Ultramar



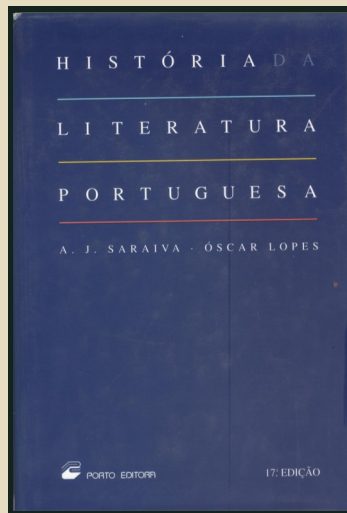


Cota: 80 PIC

*Sobre os textos*

Os temas literários ditos eternos e universais (dos quais faz parte obviamente o do amor) podem entender-se e analisar-se como problemas existenciais que são, ou como problemas sociais que também são, e naturalmente como problemas de organização simbólica, linguística, que é o que em si mesmo são. Mas a verdade é que há um ponto extremamente fugidio onde todos estes aspetos se misturam, e é nesse ponto extremamente fugidio, e só nele, que está a chave do real entendimento de tudo. O amor não correspondido é um problema existencial, mas o fato de um amor não ser correspondido, e sobretudo o que a ideia de corresponder aqui implica, eis o que já é uma questão social e, por fim, o dizê-lo por certas palavras e não por outras, eis a reproposição simbólica da vida. O amor e a morte podem ser violentas ou simples manifestações da natureza humana, mas tomam cor mais ou menos natural e mais ou menos violenta segundo o lugar e a época em que ocorrem e o modo em foram

Picchio, L. S. (1979). *A lição do texto: Filologia e literatura*. Lisboa: Edições 70.

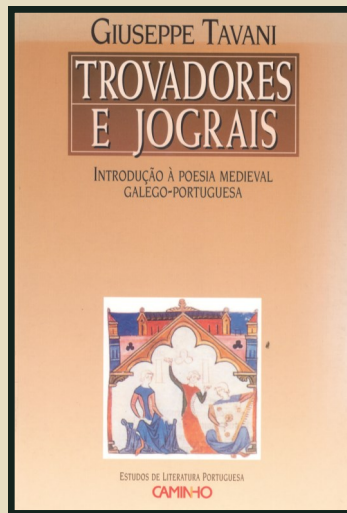


Cota: 80(09) SAR

Antes de se fixarem no bronze, na pedra, no papiro, no papel ou no pergaminho, as histórias, as narrativas, e até os códigos morais e jurídicos gravavam-se na memória dos ouvintes; e havia artistas que se encarregavam de as divulgar, os aedos e rapsodos entre os Gregos, os bardos entre os Celtas, os jograis entre os povos românicos medievais. O verso é, inicialmente, entre outras coisas, uma forma de ritmar a fala que facilite a memória, quer esse ritmo se baseie em esquemas de contraste de intensidade silábica reforçados por aliteraões (caso da poesia germânica), quer no isossilabismo, isto é, na regularidade quanto ao número de sílabas reforçada pela rima (caso das literaturas românicas medievais), quer ainda noutras componentes fonéticas. Vestígios desta literatura oral são ainda hoje os provérbios que, como facilmente se verifica, obedecem a ritmos ou recorrências fónicas que facilitam a fixação. As literaturas românicas medievais apoiam-se, como já notámos, na literatura oral, cujos principais agentes eram os jograis,

Saraiva, A. J., & Lopes, Óscar (2005). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*

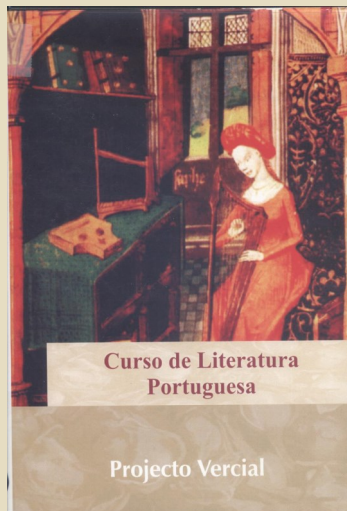


Cota: 80 TAV

*Sobre os textos*

Trovadores e jograis foram indiscutivelmente, entre o início do século XII e os primeiros decénios do XIV, os protagonistas da vida cultural e das manifestações literárias que tinham adotado, como meio de expressão próprio, uma das línguas vulgares da Europa Ocidental: provençal, francês, galego (e português), alemão. Entre estes produtores e divulgadores desse tipo de escrita absolutamente inédito, o maior relevo coube, como é sabido, aos provençais, isto é, aos poetas - e aos executores das canções por eles compostas – que não se limitaram apenas a elaborar uma nova conceção do amor (a fin’ amor, ou “amor cortês”) e a “inventar” uma maneira original de fazer poesia, mas, sobretudo no século XII, foram os únicos e mais tarde os mais fecundos e originais criadores dos produtos literários que costumam ser destinados como lírica trovadoresca, quer na modalidade da *canço* – organizada ao redor do triângulo amoroso “trovador–sidons-gilos” e que conseguiu o ponto mais alto de perfeição no primeiro século - , quer na vertente política do *sirventés*... (pp. 9-10)

Tavani, G. (2002). *Trovadores e jograis*. Lisboa: Caminho.



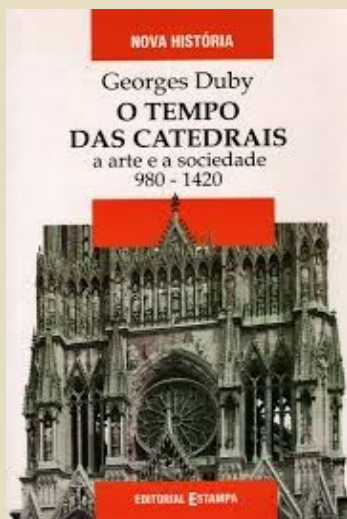
**Cota: 821.134.3 PRO**

*ConTecto(s)*

Neste módulo, o utilizador tem ao seu dispor um vasto conjunto de materiais sobre a Poesia trovadoresca (cantigas de amigo; cantigas de amor e cantigas de escárnio e maldizer): textos informativos, excertos de textos e obras integrais, notas de ajuda, questionários, glossários, imagens e música da época; periodização; lista de autores; biografia.

Este capítulo do Curso de Literatura Portuguesa procura dar uma visão de pormenor da poesia lírica galego-portuguesa. Apresenta-se um conjunto de notas acerca das origens da poesia trovadoresca, através de uma visão histórico-literária. Fala-se dos géneros da poesia trovadoresca: cantigas de amigo, cantigas de amor e cantigas de escárnio e maldizer. Sobre as primeiras, fala-se da estrutura paralelística e dos vários tipos de composição. Sobre as cantigas de amor, fala-se dos vários tipos de cantigas de amor; do código do amor cortês, da influência provençal e das características das cantigas de amor. É realçado o papel do trovador e do jogral, apresentando-se algumas características da arte de trovar»

Porjeto Vercial (2003). *Curso de Literatura Portuguesa* [CD ROM] Lisboa: Multimédia,

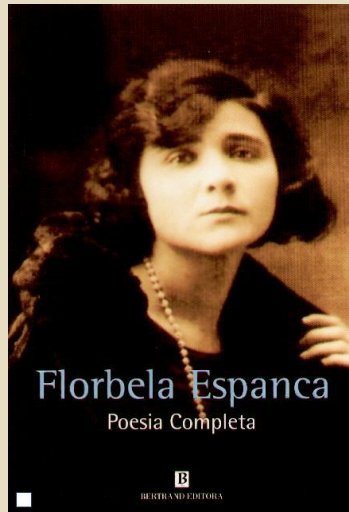


Cota: 94(4+7) DUB

Festa e jogo, o amor cortês realiza a evasão para fora da ordem estabelecida e a inversão das relações naturais. Adúltero por princípio começa por desforrar-se das servidões matrimoniais. Na sociedade feudal, o casamento visava aumentar a glória e a riqueza duma casa. O negócio era tratado friamente, sem curar dos impulsos de coração, pelos mais velhos das duas linhagens. Estes fixavam as condições de troca, da aquisição da esposa, que devia tomar-se, para o futuro senhor, guardião da sua morada, ama dos seus criados e mãe dos seus filhos. Era preciso sobretudo que fosse rica, de boa estirpe e fiel. As leis sociais ameaçavam com as piores sanções a esposa adúltera e aquele que tentasse desviá-la. Mas concediam toda a liberdade aos homens. Complacentes, damas não casadas oferecem-se em cada castelo aos cavaleiros andantes das narrativas cortesias. O amor cortês não foi portanto simples divagação sexual. É eleição. Realiza a escolha que o processo dos esponsais proibia. No entanto, o amante não

*ConTexto(s)*

Duby, G. (199). *O tempo das catedrais*. Lisboa: Estampa.



Cota: 821.134.3-1 ESP

## Saudades

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...

Se o nosso sonho foi tão alto e forte

Que bem pensara vê-lo até à morte

Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!

Que tudo isso, Amor, nos não importe.

Se ele deixou beleza que conforto

Deve-nos ser sagrado como o pão.

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,

Para mais doidamente me lembrar

Mais doidamente me lembrar de ti!

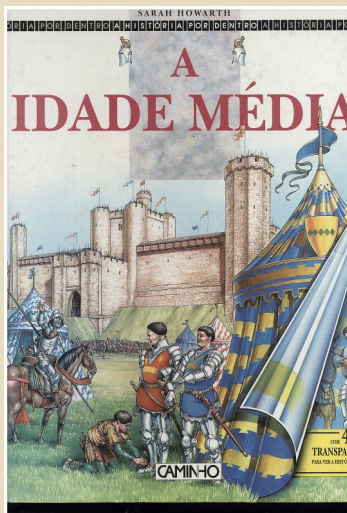
E quem dera que fosse sempre assim:

Quanto menos quisesse recordar

Mais saudade andasse presa a mim! (p. 246)

Espanca, Florbela. (2006). *Poesia completa* (8.ª ed.). Lisboa: Bertrand.

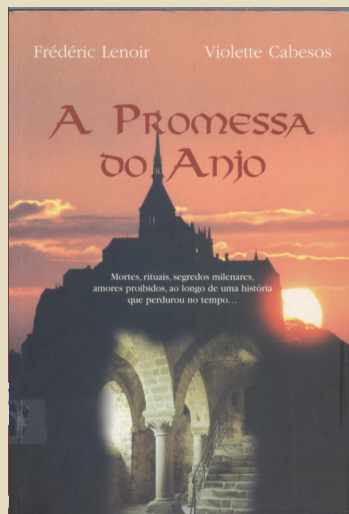
*ConTexto(s)*



Cota: 94(4+7) HOW

Celebrações especiais assinalavam os dias de certos santos; nesses dias não se trabalhava. Havia procissões na festa do Corpo de Deus (para mostrar a devoção a Jesus Cristo), banquetes e mascaradas (peças interpretadas por actores mascarados) durante o dia das festividades de Natal. Os dias santos eram muitas vezes escolhidos como dias de férias – daí a palavra «feriado», dia em que não se trabalha. Na feira havia muitos divertimentos, desde jograis até malabaristas, acrobatas e bufarinheiros (vendedores ambulantes. Muitas das celebrações associadas a esses dias santos tinha as suas raízes em costumes pagãos. Acender grandes fogueiras na véspera do dia de S. João (23 de Junho) é um exemplo disso. (p. 13)





Cota: 821-31 LEN

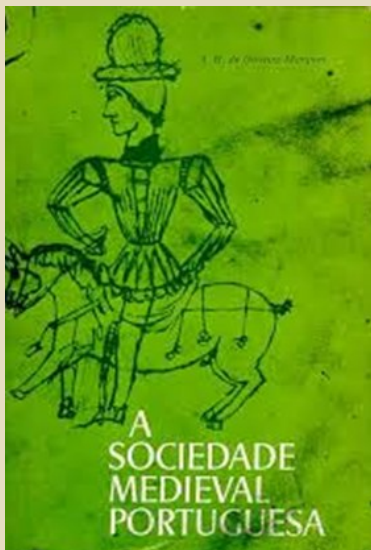
*ConTexto(s)*

Uma rocha na costa da Normandia açoitada pelas tempestades, um lugar de cultos primitivos celtas que foi santificado pelos primeiros cristãos: o Mont-Saint-Michel ainda não revelou todos os seus segredos. No início do século XI, os construtores de catedrais ergueram em honra do arcanjo Miguel, guia das almas ao Além, uma enorme abadia. Mil anos mais tarde, Johanna, uma jovem arqueóloga apaixonada pela Idade Média e encarregue de levar a cabo escavações na célebre abadia beneditina, encontra-se prisioneira de um enigma no qual passado e presente se unem de forma estranha.

Mortes rituais, segredos milenares, amores proibidos do passado que renascem impetuosos no presente. A jovem arqueóloga tem de percorrer um caminho de volta ao passado, que a situa perante uma história que perdurou no tempo à espera do desenlace final, enquanto uma voz nos seus sonhos lhe repete: "Há que escavar na terra para aceder ao céu.

Lenoir, F. (2006). *A promessa do anjo*. Lisboa: Difel.



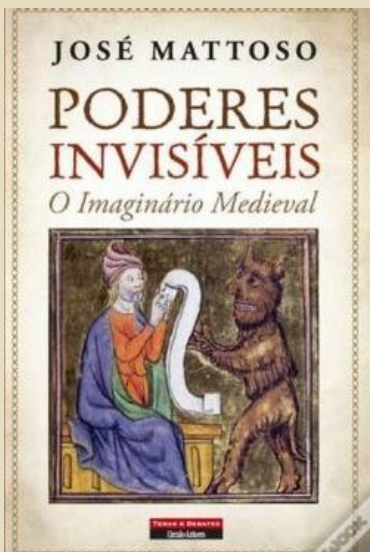


Cota: 94(469) MAR

*ConTexto(s)*

Chamamos hoje «jograis» a todos esses músicos, ou saltimbancos, ou poetas populares, ou atores, porque tudo eram um pouco, que andavam de terra em terra, à maneira dos circos ambulantes, detendo-se sempre que havia público para os aplaudir e remunerar, preferindo naturalmente as residências dos grandes senhores ou conventos abastados. Mas a terminologia da época fazia distinção entre jograis propriamente ditos – os que tocavam instrumentos, remedadores – os que preferiam fazer imitações, segréis – os de maior categoria, que se apresentavam nas cortes, caçurros – os mais pobres e menos cotados, que se dirigiam exclusivamente à população com «programas» rudes e ingénuos, soldadeiras – bailarinas e tangedoras, semiprostitutas, etc. Variedade eram ainda os mimos, atores ambulantes, especialistas em farsas e em outras composições pré-teatrais, que frequentavam as cortes e lhes faziam ouvir os arremedilhos, antepassados das nossas peças de teatro. No século XIV, ou talvez antes, surgiram em Portugal os goliardos, clérigos vagabundos ou escolares transviados, que estavam a meio caminho entre os jograis e os trovadores, compondo eles próprios

Marques, A. H. O.(1981). *A sociedade medieval portuguesa*(4.ª ed.). Lisboa: Sá da Costa.



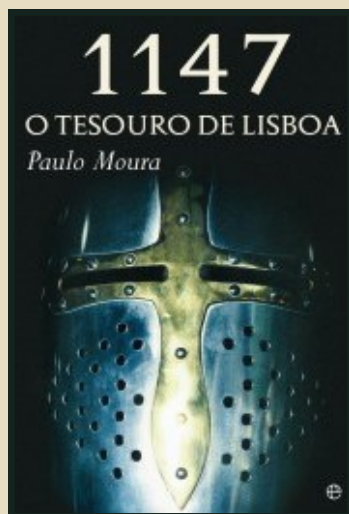
Cota: 94(4+7) MAT

*ConTexto(s)*

Entre os géneros «menores» da lírica galego-portuguesa conta-se o que é conhecido sob o nome de «pranto», que, como se sabe, tem o seu modelo no planh provençal. É também sabido que não subsistem mais do que cinco cantigas que possam efetivamente enquadrar-se nesta classificação, e que quatro delas pertencem a Pero da Ponte. Apesar, portanto, de os manuais e obras de carácter geral lhe consagrarem tradicionalmente alguma atenção, não mereceram nunca um estudo detalhado.

De facto, consideram-se geralmente de mérito literário reduzido. Aos autores que se lhe referem acentuam a sua falta de originalidade, tanto devido ao uso de numerosos lugares-comuns e de figuras retóricas esquemáticas, como ao carácter

Mattoso, José.(2013). *Poderes invisíveis*. Lisboa: Temas e Debates.

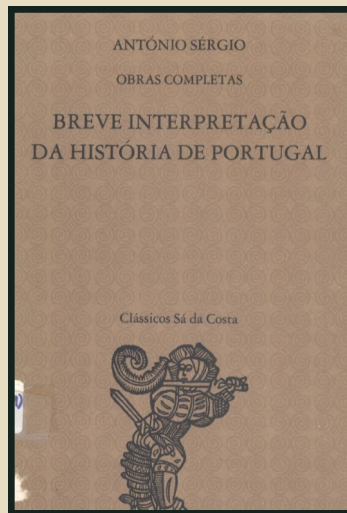


Cota: 821.134.3-311.6 MOU

*ConTexto(s)*

Quando parte com o mais veloz dos cavalos em direção ao Porto, Raul Santo-Varão tinha em mãos uma missão secreta em nome do rei, D. Afonso Henriques. Os cruzados estavam a caminho da Terra Santa, com paragem em Portugal. Era necessário convencê-los a permanecer e ajudar o rei na reconquista de Lisboa. Os rumores de um tesouro de riqueza incalculável, enterrado nas muralhas da cidade, eram motivo suficiente. Contudo, D. Afonso Henriques, refém das intrigas dos bispos portugueses e dos monges de Cister, tem um objetivo claro: aproveitar a reconquista da cidade para eliminar todos os cristãos moçárabes. É preciso matar em nome de Deus. Raul Santo-Varão é o repórter desta história empolgante, onde a intriga se mistura com a aventura e a morte com o amor. Espião, agente secreto e cronista, Santo-Varão tenta mudar o rumo dos acontecimentos. Mas os dados estão lançados. A 15 de Outubro de 1147, começa a batalha pela conquista de Lisboa. (sinopse)

Moura, P. (2006). *1147: O tesouro de Lisboa*. Lisboa: A Esfera dos Livros.



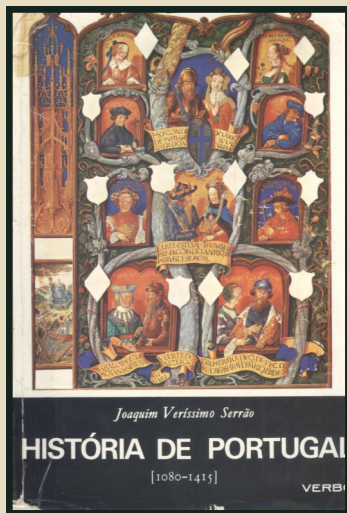
Cota: 94(469) SER

No reinado de D. Afonso III foi conquistado o «reino do Algarve», e completada a nação sob o aspeto territorial. “Revelou-se o rei administrador emérito. O reinado, que foi próspero, sobressai outrossim pelo que toca à mentalidade. Ele e os seus companheiros veiculam a civilização francesa e introduziram a literatura de gosto provençal. O interesse pelos dons do espírito era também favorecido pelo prestígio do rei de Castela, Afonso o Sábio, sogro de Afonso III. O rei cuidou desveladamente da educação do seu filho D. Dinis, entregue a mestres muito notáveis.

Graças a tais circunstâncias e aos seus dotes naturais, D. Dinis (1279-1325) foi um modelo de estadista (...) finalmente fundou a Universidade portuguesa, primeiro em Lisboa (1290-1308). Transferida depois para Coimbra. Mandou traduzir obras notáveis, e ele próprio um dos poetas mais distintos da sua culta e aprimorada corte. (pp. 22-23)

*ConTexto(s)*

Sérgio, A. (1974). *Breve interpretação da história de Portugal* (12.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Sá da Costa.



Cota: 94(469) SER

*ConTexto(s)*

Uma terceira categoria surge na poesia medieval, as “cantigas de escárnio e maldizer”, em que os trovadores punham a nu os defeitos e vícios do tempo, uma crítica velada ou aberta aos mais variados tipos sociais. A ambição e a petulância, a mentira e a astúcia, a corrupção e a falta de escrúpulos constituem motivo de sátira que ajuda a compreender a nossa sociedade dos séculos XII a XV. Escarnecendo ou inventando máculas alheias, os poetas serviam-se de temas quotidianos para realçar o seu talento e entreter os seus ouvintes. Essas cantigas são o melhor espelho social para se captarem formas de mentalidade e de comportamento.

Dois monarcas surgem nesse movimento poético: D. Sancho I e D. Dinis. O povoador liga-se aos primórdios do lirismo nacional, como autor de uma cantiga de amigo dos anos de 1197-1199, época em que decidiu fundar a cidade da Guarda e ali restaurar a sé egitaniense. Quando a D. Dinis, o primeiro grande rei que se impôs pela cultura, deixou uma série de antigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer... (p. 238)

Serrão, J. V. (1979). *História de Portugal* (3.ª ed.). Lisboa: Verbo.



Cota: 821.134.3-311.6 STI

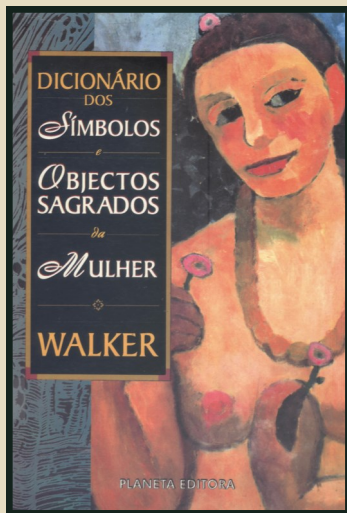
*ConTexto(s)*

A porta rodou nos gonzos, a cortina de veludo correu nas argolas e o rei atravessou o quarto num passo seguro. Desejava-a porque não a tinha. Esperara como lhe aconselhara o físico, como lhe pedira Vataça, porque um poeta não força o seu amor numa mulher. Seduz, conquista, deixando que o desejo triunfe sobre o receio que qualquer mulher casta tem quando lhe pedem que receba em si o seu marido.

Sentou-se na borda da cama e devagarinho aproximou a boca dos seus lábios, beijando-os. Não tinha pressa. Havia demasiadas mulheres que o satisfaziam sem esforço para que sentisse a ânsia frenética de um rapazinho à procura de prazer.

- Se quiser, Isabel, deixo-a em paz – sussurrou-lhe ao ouvido. Mas Isabel não queria. Não queria perder Dinis. Quando jurara perante Deus amá-lo e servi-lo, e tomar dele os filhos que Deus lhe enviasse, fizera-o com a consciência plena de que o dia de hoje chegaria. Como chegara para Isabel da Hungria, como chegara para a sua mãe. Fechou os olhos e deixou-se amar. (pp. 141-142)

Stilwell, Isabel (2017). *Isabel de Aragão: entre o céu e o inferno*. Barcarena: Manuscrito.



Cota: 39(038) WAL

Não terá sido um desígnio de conjuração, de sacrifício expiatório, de imploração, que o mundo cristão espalhou pelas encruzilhadas as cruzes, as alminhas, as estátuas da Virgem Maria e dos santos, os oratórios e as capelas onde, em certos países, as velas ardem incessantemente? A encruzilhada pode ter, de facto, um aspecto benéfico: é o lugar onde se reencontra a luz, onde aparecem também os bons espíritos, as fadas boas, a Virgem Maria ou os santos.

Em resumo, quaisquer que sejam as civilizações, a encruzilhada é a chegada perante o desconhecido, e como a reacção humana mais fundamental perante o desconhecido é o medo, o primeiro aspecto do símbolo é a inquietação. (p. 285)

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

